



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 227

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

A PROSAPIA INDIGENA

Ha dias um cidadão qualquer, que não importa conhecer, escrevendo n'um jornal de Lisboa sobre a orthographia que adopta, dizia:

«Pelo mesmo motivo por que em medicina attendemos não ao sapateiro mas ao medico, em orthographia attendemos aos que, pelos seus conhecimentos especiaes, podem falar no assumpto.»

Escusado será dizer se que este cidadão, tão desdenhoso dos sapateiros, é democrata. E inutil acrescentar se que sendo tão agarrado á cathedra—até fala em *authoridades indiscutíveis nas especialidades*—é dos que chamam, com gracinha, cathedraes aos outros.

Pois, carissimo cidadão, terrível trocista dos humildes sapateiros, olhe que ha sapateiros que dão quinaes aos medicos. Ouça um caso.

Aqui ha tempos um medico fez uma autopsia a um homem que tinha morrido de morte violenta. E concluiu que o homem fora victima d'uma espedeirada. Ao mesmo tempo que o medico fazia a autopsia, era um sapateiro encarregado de levantar um auto sobre o homicidio. E quando o medico, com o cadaver á vista, examinando-o e retalhando-o á sua vontade, concluiu que o homem morrera d'uma sabrada ou d'uma espedeirada, o sapateiro, pelo simples exame do local onde o crime fora commettido, pelo conhecimento que tinha das armas de fogo, e seus effeitos, e certo de que alli se tinha dado fogo, concluiu *imediatamente* que o homem fóra victima d'um tiro.

E n'esse sentido affirmou *desde logo*, oficialmente, a sua opinião.

Veio o relatório da autopsia. Documento *indiscutível*. Escripito e assignado por uma *authoridade indiscutível na especialidade*. Não acha, carissimo cidadão? Um medico, um director de morgue, um professor de medicina legal! Veja lá se está d'accordo, carissimo cidadão. Seria ou não seria uma *authoridade indiscutível na especialidade*, ó carissimo cidadão? Segundo o modo de vêr do illustre cidadão, devia ser, deve ser, ha de ser. Nem sombras de duvida a esse respeito.

Mas o sapateiro era irreverente. Os plebeus teem d'isto! Era teimoso. Era bruto. Emfim, era sapateiro. E não se conformou com o parecer da *authoridade indiscutível na especialidade*. E como não se conformasse com o parecer da *authoridade indiscutível na especialidade*, chamou outros medicos, foi com elles desenterrar o cadaver, que já estava enterrado, e aos olhos da *authoridade indis-*

cutível na especialidade, que estava presente, os outros medicos tiraram do golpe, *feito pelo sabre*, uma *balasinha* de espingarda de guerra, que lá estava anichada, dando razão ao irreverente sapateiro.

Que diz a isto o honrado cidadão? Não tenha no futuro tamanha veneração pelos medicos e tamanho desprezo pelos sapateiros.

Ora se um sapateiro é capaz de dar um quinau a um medico, que diabo! não será coisa do outro mundo que dê um quinau a um glottologo. Pelo menos está *authorisado a ser irreverente*. Que, verdade, verdade, esta coisa de *authoridades indiscutíveis* não é bem aos sapateiros que se applica, mas aos tolos. E um sapateiro pôde perfeitamente deixar de ser um tolo.

O sapateiro tem uma grande vantagem sobre o sábio de meia tigela. O sábio de meia tigela ajoelha reverente deante do primeiro que lhe fala em coisas que elle não percebe. O sapateiro encolhe os hombros, volta as costas e ri-se.

Entre o que bate nos peitos deante das *aucipites*, das *dividuas*, das *cacuminaes* e das *apicaes*, sem perceber nada d'isso, e o que, por isso mesmo que não percebe tambem, põe de quarentena as *acuminaes*, as *sub cacuminaes* e mais famosa e apparatusa companhia, não ha que hesitar. O segundo faz muito melhor figura do que o primeiro. Cria-o bem o illustre cidadão.

O illustre cidadão aceita como um evangelho que o *b* seja sonoro e o *p* surdo, o *m* sonoro e o *f* surdo, o *n* sonoro e o *s* surdo. Affirmou-o uma *authoridade indiscutível na especialidade*. O sapateiro diz-lhe que não percebe nada de glottica, mas que tem ouvido e sabe falar. E que lhe basta ter ouvido e saber falar para concluir que o *p* é sonoro se o *b* é sonoro, ou que o *b* é surdo se o *p* é surdo. E que se o *m* é sonoro e o *n* é sonoro, de maneira nenhuma o *f* é surdo e o *s* é surdo. E o sapateiro raciocina e julga com mais acerto do que o illustre cidadão.

O sapateiro deixa canonicar as *authoridades indiscutíveis na especialidade*. Mas nem por isso abdicar da sua razão. E quando surge um conflicto entre a sua razão e o dogma, manda o dogma e as *authoridades indiscutíveis* para casa do diabo.

O illustre cidadão com a historia do sapateiro mandou toda a sua democracia á fava. Os paizanos que organisaram os grandes exercitos, e obtiveram as grandes victorias da primeira republica franceza, eram sapateiros. Clarissimo. Não eram *authoridades indiscutíveis na especialidade*. Os generaes boers, que espantaram o mundo com os seus conhecimen-

tos tacticos, balisticos e estrategicos, eram sapateiros. *Autoridades indiscutíveis na especialidade* é que elles não eram.

Autoridades indiscutíveis na especialidade, cá as da Parvonía, E os nossos democraticas reverentes deante d'ellas, tratando com olympico desprezo os que ousam duvidar. E por isso mesmo é que a regeneração do paiz vae surgir da varinha de condão de tão reverentes democraticas.

Sapateiro era Freycinet, sapateiro é Pelletan, sapateiros são todos os paizanos que, sem serem *authoridades indiscutíveis na especialidade*, a terceira republica franceza, sem licença dos democraticas portuguezes, teve a audacia de investir nos cargos mais graves para um paiz militar como a França.

Sapateiros são os *officiaes paizanos* do exercito suizo, que se os tem profissionais de primeira ordem, não os tem *paizanos* de menos peso e valia.

Sapateiros são todos os honens da grande republica norteamericana, onde ninguem pergunta pelo diploma e pelas *authoridades* mas pelo saber, venha elle d'onde vier, tenha-o quem o tiver.

Finos, de boa raça, estes, que vão amanhã trocar-nos em riso alegre por nós termos tratado de questões orthographicas em *artigo de fundo*, em vez de tecermos louvores aos *patriarchas*, de entoarmos hymnos ás *esperanças*, ou de discutirmos se é melhor o Beirão, se é melhor o Alpoim, para succeder na chefatura do partido progressista ao José Luciano.

O peor é que o riso não lhes encobre a pobreza das idéas. Por mais que o tentem.

E ficarão sósinhos, a declarar ou a rir-se, no meio da mais absoluta indiferença do paiz, que não percebe democraticas de nephelaticas e de pergaminhos, democraticas que desprezam os sapateiros para adorarem *authoridades indiscutíveis na especialidade*.

POLITICA LOCAL

Continuaremos no proximo numero os artigos de politica local. Ainda os não completamos.

Mas temos esta semana mais em que pensar.

TUDO FINGIDO

Para que o rei de Hespanha podesse vêr boas estampas no gado da corrida que em sua honra se lhe offereceu, foi preciso dar aos pobres animaes perto de mil e quinhentos alqueires de fava!

E digam lá depois que Portugal não é um paiz original... na phantasia...

PARTIDO REPUBLICANO

Ao que nos dizem, e ao que parece, os partidarios andam azedados comnosco.

Isso demonstra apenas, novamente, que os cavalheiros são dotados d'uma feroz intolerancia. Quem não estiver d'accordo com tudo o que elles fazem e com tudo o que elles dizem, é pessoa condemnada.

Já o sabemos ha muito.

Pois fizeram mal, mais uma vez, em não acreditar na nossa sinceridade. Nunca tivemos o proposito, nem proximo nem remoto, de embarçar os trabalhos da reorganisação partidaria. E por dois motivos. Primeiro, porque se essa reorganisação fosse possivel, ou d'ella podesse sahir coisa que se visse, ganharia com isso a causa republicana e o paiz e seria duplamente sympathica ao nosso espirito. Segundo, porque não sendo possivel, ou não sahindo d'ella coisa nenhuma, senão torneios de rhetorica, mutuas ternuras, mutuas saudações celestias, panegyricos fumosos, allocuções patheticas, brindes com hymnos, apertos de mão com olhares delirantes de triumpho, juramentos de fidelidade para a vida e para a morte, que é o que vae sahindo já, era preciso que nós fosse-mos imbecil, e não o sómos, para darmos pretexto a que se dissesse que fomos nós a causa, com as nossas criticas acerbas, ou uma das causas, do partido republicano se não ter organisado e fortificado.

D'essa os livraremos nós!

A nossa testada está varrida.

Adeus, amigos. Sejam felizes.

A não sermos forçado pelas circunstancias, a não termos de repellar insinuações desavergonhadas, que então damos ás mãos ambas, nada mais temos a dizer.

Não lhes daremos pateada se forem infelizes. E dar lhes-hemos muitas palmas se alguma coisa de util conseguirem.

Dissémos isto ao principio e fica dicto até ao fim.

REPAROS

Com as ultimas chuvas verificou-se que no calcetamento do Largo Municipal tinham ficado algumas irregularidades no nivelamento da pedra, empoçando por isso aqui e alli alguma agua. O sr. presidente da camara preveniu immediatamente o empreiteiro sr. José Filippe, que actualmente se acha em Lisboa, para o vir reparar convenientemente antes de levantar o deposito que na camara fez para o bom acabamento da obra, e que monta a uns cento e tantos mil réis.

Aquelle sr. queria vir já fazer essa reparação, porém resolveu-se que ella fosse feita quando o calcetamento esteja mais solidificado e livre do inverno.

A ORTHOGRAPHIA

DA

"RESISTENCIA,"

Grande honra nos dá o prezadissimo collega, depois de termos dicto que não estavamos a censura-lo, nem a critica-lo!

Grande honra!
O prezadissimo collega não escreve *lá* e *dá* porque pronuncia *lé* e *dé*. Não escreve *ministro* porque pronuncia *ministro*. Muito bem, muito bem. Quer isso dizer que tem uma prosodia e uma orthographia só para si. Ora eis alli a desordem!

Nós tínhamos a candura de imaginar que a *Resistencia* poderia escrever, ao menos, como a maior parte da gente pronuncia. E só extranhavamos a incoherencia do prezadissimo collega, que n'uns pontos era antiquado e n'outros modernissimo, n'uns pontos etymologico e n'outros phonico. E não era isto ser cathedraes. Não usamos borla, como os filhos dos pastores. Nem para falar á rainha, nem para falar a ninguem. Antes era ser bem plebeu e dizer, como a plebe: ou carne, ou peixe.

Sim, prezadissimo collega: ou carne, ou peixe.

Se o prezadissimo collega é etymologico quando escreve *tam*, então seja etymologico quando escrever *hoje*, quando escrever *hora* e quando escrever *honra*. E' modernissimo quando escreve *condenado*? Então seja modernissimo para escrever *tão* e para escrever *são*.

E o que se diz a respeito d'estas palavras pôde-se dizer a respeito de dezenas d'ellas, em que se nota igual contradicção na *Resistencia*.

Servem essas para exemplo como poderiam servir outras.

Diz o prezadissimo collega que julgava seguir as tendencias geraes das nações da Europa, quando simplifica a orthographia. Pois enganou-se. Em nação nenhuma se simplificou ainda a orthographia até ao ponto de cada um escrever como quer. Este, e só este, é o nosso caso. Esta foi a nossa these exclusiva, na parte especial de que se trata, ao escrevermos o artigo que provocou a honra immerecida que a *Resistencia* nos está dando.

Tivemos a preocupação de arrastar os outros pelo deslumbramento do saber? Qual saber? Não é preciso ser sábio nem se demonstra subedoria nenhuma perguntando a alguém quando é que está na razão, se quando escreve como os antigos escreviam e falavam, se quando escreve como os modernos falam, ou se quando escreve como ninguem falou nem escreveu e como ninguem fala nem escreve.

Escrevo como eu falo, diz o prezadissimo collega. Muito bem. Está no seu direito, porque não ha prejuizo de terceiro. Não offende a moral publica, nem as posturas da camara municipal. E não é attingido pela lei dos anarchistas, porque essa lei de excepção esqueceu-se d'uma anarchia de tal ordem.

Está no seu direito. Mas não diga que simplifica, porque não simplificou coisa nenhuma. Desordenou. Anarchizou. De tal maneira que nem conseguiu harmonisar-se com o *Mundo*, de quem se diz companheiro e intimo amigo.

E ao mesmo tempo que se fez tão feroz revolucionario que até roubou o *h* ao Hintze, sendo pessoa de bons costumes e não querendo nada de tal homem, respeitou, *por timidez* o *tam* e o *são*, que já encontrara assim na *Resistencia*.

Cartas d'Algueres

11 DE DEZEMBRO.

Ainda não dissémos bastante sobre a falta de alimentação, assumpto a que temos dedicado, no entanto, muitas d'estas cartas. Mas temos mais que dizer. E a esse ponto voltaremos qualquer dia.

Hoje insistiremos de novo sobre a nossa profunda ignorancia, capitulo sobre que, tambem, já temos escripto largamente. Ninguem mais do que nós tem, ha tres annos para cá, agitado essa questão.

Na Folha de Torres Vedras lia-se ha dias:

«A população escolar no concelho de Torres Vedras é em numero de 4.979 creanças. E qual é a lotação de todas as escolas do concelho? — De 846 — Como obrigar, pois, 4.979 creanças a matricular-se em escolas onde apenas pôde caber pouco mais do que a quinta parte d'esse numero? É simplesmente extraordinario.

Pelo que respeita especialmente a esta villa, temos que nas duas escolas que n'ella existem, e em cada uma das quaes não pôde a frequencia ser superior a 70 alumnos, as creanças recebedas com a obrigação de n'ellas serem matriculadas orçam por 800.

E onde não ha escolas, e não existem professores, como succede em algumas freguezias d'este concelho? Está fechada a escola do Maxial; não ha em Cunhados, S. Pedro da Cadeira e Turcifal escolas do sexo feminino, e na Ponta do Rei do sexo masculino. Em S. Mamede fechou a do sexo masculino por ter abalido o sobrado. Como se ha de effectuar a matricula n'essas escolas? Os sábios legisladores do nosso paiz que respondam.

Em S. Pedro da Cadeira, onde só existe uma escola do sexo masculino, estão recensadas 559 creanças. E querem saber qual é a lotação da escola? De 31 creanças. Em S. Mamede, a escola do sexo feminino, a unica que funciona, só pôde comportar 15 alumnas. E quantas incluídas no recenseamento? — 206.»

A Folha de Torres Vedras encara o assumpto sob o ponto de vista da lotação das escolas. Nós já demonstrámos aqui que não ha instrução primaria em Portugal, seja qual for o ponto de vista sob que se veja o assumpto.

De que valeria a escola de S. Pedro da Cadeira, por exemplo, ter lotação para as 559 creanças reservadas, se seria impossivel ao professor ensina-las? Em Portugal cada escola, á parte as escolas centrais, tem — já o dissémos — um unico professor. A lei impõe um ajudante, quando a frequencia for superior a 50 alumnos. Mas poucas são aquellas que tem professor e ajudante.

Como ha de um professor ensinar 559 creanças? Como ha de ensinar 200, como ha de ensinar 100, como ha de, a sério, ensinar mesmo 50, se o governo estabeleceu quatro classes, se obriga o professor a ensinar as quatro classes ao mesmo tempo e coisas diferentes a cada uma d'ellas?

Tudo isto nós tratámos aqui já desenvolvidamente. Esmiuçámos todos os pontos.

Não ha casas de escolas. O ensino ministra-se, geralmente, em casas alugadas, umas a cahir, outras insalubres, outras sem lotação sufficiente. O professor é mal pago. As novas casas de escola, as que se andam construindo com o typo official, não tem residencia para o professor sendo elle celibatario. Mal pago o professor, pago miseravelmente, pôde se dizer, o professor não tem vontade de ensinar. Se a tem, não pôde ensinar, mesmo que haja casa e mobilia, porque são quatro classes, e á mesma hora em que ha de ensinar a uma leitura ha de ensinar a outra historia e chorographia! A uma ensina leitura e grammatica e a outra, á mesma hora, ensina calculo! E assim por deante. Isto é sério? Isto tem sombras de seriedade?

Se as casas tiverem lotação, se tiverem mobilia, se houver professores, se os horarios forem emendados, ainda milhares de creanças ficarão sem ensino, porque tendo a escola a mais de dois kilometros já não são obrigadas a frequentá-la. Um exemplo: a freguezia da Atouguia da Baleia,

no Algarve, recenseou este anno 660 creanças nas condições de receber o ensino. Pois mais de seis centas ficaram sem elle, por residirem a mais de dois kilometros da escola.

Mais de seis centas! Assim o declaram, em documento publico, que corre agora mesmo impresso, o professor official, o presidente da camara e o prior da freguezia.

Sommae tudo isto e dizei-nos se ha instrução elementar em Portugal.

Estes pontos é que nós queremos vêr tratados, a fundo, a valer, pelos jornalistas republicanos. Mas qual! Ha quatro mezes que nós andamos aqui a chamalhes a attenção para os assumptos de maior transcendencia para a vida nacional, e elles, á parte O Debate, no mais religioso mutismo.

Em Portugal não ha instrução elementar e está provado que não temos meio de a obter.

O capitão Homem Christo tentou introduzir no exercito o ensino litterario por companhias. Provon, nas cartas dirigidas ás Novidades, que não haveria nada mais simples, mais barato e de melhor exito. Sem mais cinco réis nas despesas publicas, crear-se-iam centenas de escolas, admiravelmente dotadas em material e pessoal, com enormes vantagens para o paiz e para o exercito. O ministro da guerra tinha meio-demonstrou-o o capitão Homem Christo — de fazer ensinar em 6 mezes o methodo de João de Deus, o mais racional e o de resultados mais rapidos, a todos os officiaes e sargentos do exercito portuguez. E, depois, bastava-lhe determinar o ensino obrigatorio por companhias para que este viesse a surtir, senão logo passado algum tempo, o melhor resultado.

Em infantaria 23 estão alguns capitães a ensinar os seus recrutas. Pois tendo o ensino começado em 16 de novembro, alguns soldados analphabetos, que não conheciam uma letra, lê-m já em livro, nos Deveres dos Filhos, com lentidão, mas com segurança, com correccão, com consciencia. E os que já sabiam lêr, tem augmentado notavelmente a sua instrução. Ao fim de 22 dias uteis! Quando terminar a recruta, os analphabetos saberão lêr, escrever e contar, e os soldados com exame do 1.º curso serão em numero superior ás vagas de 1.º cabo existentes no regimento. O que, ha muitos annos, succederá, pela primeira vez, em todo o nosso exercito. Facto sem igual e sem precedentes!

Isto diz mais que todas as palavras. Isto prova, categoricamente, o exito seguro e as enormes vantagens do ensino litterario por companhias.

Ora é sabido que o sr. ministro da guerra quiz determinar esse ensino. Declarou-o, sem rodeios, n'um jantar official em Vizeu, quando foi das manobras de 1902 na 2.ª divisão militar. Chamou os coroneis de Lisboa ao ministério da guerra, para lhes participar a sua resolução, não encontrando n'elles espirito algum de hostilidade. De repente, porém, inopinadamente, com passo da maioria d'esses coroneis, e de todos os que conheciam as intenções do sr. Pimentel Pinto, o ministro da guerra recuou.

Porque? Não sabe toda a gente que o sr. Pimentel Pinto, quando se lhe mette qualquer coisa na cabeça, só recua quando o mandam recuar? E quem tinha força e auctoridade para o mandar recuar?

Não ha duvida nenhuma de que é impossivel a instrução em Portugal. Inteiramente impossivel. Quem manda, quem pôde, não a quer.

Ainda não veio um decreto dizendo claramente: «Fica prohibida a instrução elementar em Portugal» porque não é preciso. Consegue-se o mesmo por processos menos violentos e menos descarados.

Mas que a não querem, é certo. Certissimo.

E dada a nossa tremenda incultura, a profunda ignorancia da massa geral do paiz, a morte da nação é inevitavel.

Segundo as informações que podemos obter, os capitães de infantaria 23, aquartelado em Coimbra, procederam este anno a um curioso inquerito sobre a mentalidade dos recrutas incorporados no regimento. Nenhum tinha a menor idéa da nossa organização civil e politica. Nenhum! Cinco ou seis faziam uma idéa muito vaga de camara municipal. Com clareza, não houve um que o soubesse dizer. Perguntava-se-lhe: qual é a primeira auctoridade civil do concelho? Qual é a primeira auctoridade civil da freguezia? Poucos respondiam. O que é Faro? O que é Bragança? Ignorancia absoluta. Homens, muitos d'elles, sabendo lêr, escrever e contar.

Pavoroso!
Sim: Pavoroso!

A. B.

Aposentação

Requeru a sua aposentação como medico do partido municipal o sr. dr. Luiz Regalla, decano dos facultativos d'aqui.

A NOSSA CARTEIRA

Tivemos o prazer de cumprimentar em Horta os nossos prezados amigos Oscar Manuel Guedes Alvim, seu ex.º pae e familia, bem como os srs. Fernando Jorge, esclarecido pharmaceutico em Tamengos e Fernando Navega, estudante da academia de Coimbra.

Tambem alli nos encontramos com os srs. Alberto Alvim, casado em Armamar e Antonio Rodrigues de Magalhães, do Calvario, (Beira Alta).

Todos aquelles senhores foram d'uma gentileza sem limites para conosco, pelo que muito lhes agradecemos, especializando, entretanto, a forma porque fomos recebidos pela considerada e honesta familia Alvim a quem nos prende o laço indissolúvel da mais firme e leal amisade.

ESTREIA

Teve-a, na terça-feira passada a phylharmonica Aveirense depois que é seu regente o habil musico e nosso patricio sr. João de Pinho das Neves Alleluia.

Dizem-nos que se apresentou bem, desempenhando com geral agrado algumas peças do seu novo repertorio.

Temporal

Temos estado n'estes ultimos dias debaixo d'um temporal verdadeiramente medonho. De sexta para sabbado o vento sibillava com uma furia indomita, quebrando arvores e arrancando clabojas. A chuva era torrencial.

Um engano curioso

Ha dias deu-se um curioso caso que proquo entre o papa Pio X e um honrado alfaiate de Roma.

Alfaiate em italiano diz-se sarto. Ora o bom do homensinho, além de pelo officio, ser Sarto — o appellido de familia de Pio X — tem o nome de Pio e o appellido do santo padre.

Ultimamente da terra mandaram-lhe um sacco de feijão branco; vinha dirigido a Santo-padre Pio Sarto.

Na repartição de despacho expediram a encomenda para o Padre Santo.

O pobre alfaiate prevenido da remessa, em vão esperava a promettida feijoadá, que a esse tempo fóra já preparada nas pontificias cozinhas.

Quando se reconheceu o engano em virtude da reclamação do alfaiate, o Vaticano, apesar de omnipotente, não poud restituir os extraviados legumes ao verdadeiro destinatario.

Tanto mais que, dada a infallibilidade do Papa, elle não podia ter comido os feijões que não eram d'elle. Ou os feijões lhe pertenciam ou o Papa não é infallivel.

Não se pôde ser homonymo dos grandes homens.

O revolucionario portuguez é isso. Precisamente isso.

Ora o que nós estimaremos é que o prezadissimo collega venha a fazer em politica, agora que se va encetar a vida nova, uma revolução menos incoherente e anarchizada do que essa que projectou na orthographia portugueza.

O prezadissimo collega escreve *lêi* e *dêi* porque assim pronuncia. Outros escreverão *lai* e *dai* — e estes com muitos mais motivos, visto estarem em maioria — porque assim pronunciam. Outros escreverão *lei* e *dei* — tambem com mais motivos — porque assim pronunciam. Outros *lé* e *dê* porque ainda assim pronunciam.

Uns escreverão *jantei*, outros *jantâi*, outros *janti*, porque tambem ha quem diga *janti*. E pelos principios estabelecidos pela *Resistencia* — quando lhe convem! — quem pronunciar *janti* tem o direito de escrever *janti*. A lei deve ser igual para todos, como disse o typographo da *Resistencia*. Ou temos uma *infracção aos principios democraticos!*

O illustre articulista da *Resistencia* não escreve *ministro* porque pronuncia *ministro*. É natural — embora a logica seja cathedratica e esteja banida, por isso, pela *Resistencia*, como está — que pronuncie tambem *medicina*, edificio, e Philippe, que é nome de santo milagroso. Mas como outros — a maioria — pronunciam *ministro*, *medicina* e *Felippe*, assim o poderão escrever.

Lucilia Simões, muito applaudida, sem duvida, pelos redactores da *Resistencia*, pronunciava n'outro dia, em Coimbra, ao representar n'um drama: — *ouduar, ouduio*. Essa foi nova para nós. Mas como Lucilia é uma auctoridade, porque tem fama, a prosodia generalisa-se, pela certa, e teremos quatro maneiras, pelo menos, de escrever o termo, á escolha de cada um: *udiar, ouduiar, ôduiar* e *odiar*.

Como não ha unidade de valor nos caracteres, tanto direito tem a *Resistencia* de escrever *extraordinario*, como outros de escrever *extraordinario* e outros de escrever *extraordinario*. Um lente da Universidade assigna-se Vasconcellos. Outro assigna-se Guimarães. Estão no seu direito — o direito da *Resistencia*.

Elles, quando vier isolado, escrever-se-ha *elles* ou *eles*, *ellex* ou *ellex*, *ellex* ou *ellex*, á escolha de cada um. Mas essa mesma palavra já terá de se escrever *ellex* antes da palavra *andam*, porque a gente pronuncia *ellex andam* e já não será *ellex*, ou poderá deixar de o ser, em *eles andam*.

É simplificar, isto? Não. É desordenar. É anarchizar. É dar margem a todas as asneiras. É fazer da lingua portugueza lingua de preto.

D'isto não sahirá uma simplificação. D'isto sabe, como dissémos, uma mixórdia ignobil.

O illustre articulista da *Resistencia*, que é, aliás, um homem de illustração e de talento, — sinceramente, e não com graçolas, improprias de nós, lhe prestámos essa merecida homenagem — não tem: desdenhoso e ironico, que pedir perdão aos manes de João de Deus. Tem que o pedir á sua propria intelligencia e á sua propria consciencia, por falar com desdem e ironia, demais a mais dizendo-se patriota e propugnador da instrução do povo, do trabalho verdadeiramente grande e verdadeiramente nacional do eminente poeta portuguez. Não somos fetichista da obra pedagogica de João de Deus, porque não somos dado, bein se sabe, ao fetichismo de coisa nenhuma e de ninguém. Mas tendo a estudado, tendo estudado os outros methodos de ensino adoptados em Portugal, tendo lido, attentamente, todas as criticas feitas á *Cartilha Maternal*, sentimo-nos no rigoroso dever de fazer á obra de João de Deus, sem hesitações covardes, sem transigencias indignas, sem receios pusillanimes, a justiça que merece. E não sabemos o que mais nos faz passar, se a estupidéz ou a má fé dos criticos, se a inconsciencia e a ignorancia dos patriotas e apostolos da instrução popular. Mesmo d'aquelles que são sábios a valer! Ser sábio n'esta terra não impõe a obrigação de estudar cartilhas.

O que nós pensamos do povo portuguez é que precisa de ser educado, de ser instruido, de ser ensinado. E

para não ficarmos em palavras e em discursos, como os outros, fomos apreender essas cartilhas, que só merecem ironias e desdens ao articulista da *Resistencia* e a outros *cathedraticos*, e depois ensinamo-las, no limite das nossas forças, ao povo portuguez. E' isto o que não faz um cathedratico. Um cathedratico não faz de mestre-escola.

Por onde se vê, novamente, que os cathedraticos andam mais pelo *Mundo* e pela *Resistencia* do que pelo *Povo de Aveiro*. Pelo *Povo de Aveiro* o que anda é quem diga a verdade sem rodeios.

Fizemos de mestre-escola, prezadissimo collega. E olhe que não foi para *matar ocios*, como dizia ha pouco um articulista no *Vintem das Escolas*. Por cá não ha ocios. Foi trabalhando mais quatro horas cada dia quem já trabalhava, talvez, demasiadamente. Foi á custa da nossa saude e dos nossos interesses.

Já vê o prezadissimo collega que estamos muito de bem com a nossa consciencia a respeito do povo portuguez. Temos gasto muito dinheiro, temos prejudicado gravemente a nossa situação e a nossa carreira, temos andado aos tombos, sempre perseguido, para o servir e defender. E não temos recebido, em paga, senão infamias e coices.

Os outros, que nada tem perdido, em geral, que tem sempre vivido mimosos da fortuna, que só fazem discursos, que só fazem artiguinhos de jornaes, com *piadinhas talentosas*, e que só dão conselhos, o que é facil, sem falar nos que fizeram e fazem fortuna á sombra da Republica, é que são os homens da *virtude*. Proclamainos santos e heroes.

O povo portuguez não é abjecto. É um desgraçado. Sempre o dissémos. Nunca lhe tomámos a elle a responsabilidade.

Quando dizemos patria abjecta, mesquinha, pequenina, queremos falar, sem referencias nem insinuações individuaes, na patria das mixórdias e dos mixordeiros. Toda a gente o comprehende. Mas essa patria nem é mesquinha, nem pequenina, nem abjecta para o illustre articulista da *Resistencia*.

Então para que anda a falar em regenerações? Para que declama todos os dias sobre a decadencia nacional? Para que quer o partido republicano unido e reorganizado. Porque quer e para que quer a Revolução?

Ou assim como tem uma prosodia e uma orthographia só para si, tem uma politica para uso proprio e exclusivo?

E terminamos. A's insinuações de caracter pessoal, com que principia o seu artigo, não responderemos, para que se não diga, como já disse a *Resistencia*, que o nosso fito é *avivar resentimentos e exacerbar paixões*. Isto por uma unica vez. Não é nosso costume deixar de repellir insinuações, venham lá d'onde vierem. Sempre diremos, no entanto, á *Resistencia*, que no campo politico é tanta a razão que nos assiste contra os partidarios republicanos, tanta a justiça, tantos factos e documentos conhecemos e possuímos para afirmar essa razão e provar essa justiça, que nos parece loucura provocar-nos.

Os tres casos da semana

Os tres casos emocionantes da semana, foram: A vinda do rei *nino* ao paiz *vecino*, em passeata: O assassino praticado pela filha do rei Leopoldo na pessoa d'uma actriz que por a princeza foi encontrada em flagrante delicto com o marido, n'um quarto d'hotel e, finalmente, a descoberta do assassino de Francisco Agra, praticado em Guimarães ha mais de um anno, caso que deu bem que fallar pelas peripecias que se dêram no julgamento do supposto assassino, Julio de Campos, ferozmente accusado pelo verdadeiro e sanguinario bandido *Zé-zinho da Cégada*.

Eis os tres casos da semana.

PHOSPHOROS

Continúa a Companhia dos Phosphoros a mangar com o publico. Temos ali já á venda os promettidos e desejados phosphoros de madeira, mais conhecidos pelos de *espera*, mas com franqueza o dizemos, não satisfazem nem prehenchem as condições do contracto, tanto pelo seu mau acabamento como pela forma por que são vendidos ao publico. Na quantidade não deve deixar de haver *rábo*, como do costume, mas ao trabalho da sua contagem ainda nos não dámos, o que promettemos fazer em tempo oportuno. O que agora queremos plirisar, e bem, é que a Companhia continúa a fornecer maus lumes de cêra, sem a respectiva quantidade que promete nas caixinhas, e que os de enxofre vieram apenas para tapar os olhos aos ignorantes e para que se não falle mais no escandaloso abuso que de ha muito a Companhia vem praticando.

Pois por nossa parte continuamos a batalhar em defeza do publico, que parece estar eternamente sujeito á ludibriação dos monopolistas dos phosphoros. Não fomos nós que quebrámos lanças para que apparecessem no mercado os phosphoros de madeira. O que pediamos e o que continuamos a pedir, é que nos forneçam phosphoros bons e com o numero exacto que se comprometteram a fornecer no contracto. E' verdade que alimentámos esperanças dos phosphoros de madeira virem mais ou menos beneficiar as classes pobres, mas vemos agora que o ludíbrio continúa, que esses mesmos são pessimos na sua fabricação e quasi tão caros na provincia como os de cêra.

Continuaremos, pois, a pedir providencias para o caso, prometendo voltar ao assumpto mais algumas vezes.

Marrada fatal

Em Monforte, na occasião em que um operario ia receber a sua fêria, um carneiro excitado pelos rapazes deu tamanha marrada n'aquelle infeliz que o prostrou, morrendo 24 horas depois.

Movimento de presos

Durante o mez de novembro findo houve o seguinte movimento de reclusos nas cadeias civis d'esta comarca:

Homens entrados, 12; sahidos, 6; existentes, 20. Mulheres entradas, 3; sahidas, 2; existentes, 4.

Total dos existentes, 24. Sendo por offensas corporaes, 7; por furto, 11; por custas e multa, 1; por tentativa contra o pudôr, 1; por passagem de notas falsas, 2; por falsa informação em juramento prestado, 1; por emigração clandestina, 1.

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XI

Treze annos depois

— Certamente— disse José de Barredo enternecido de lagrimas.— Se elle vivesse, seria o meu mais velho amigo... que todos os outros morreram... A opinião que elle e Antonio de Sá tinham do meu natural, sendo elles judeus e eu christão velho, bem se deixa vêr no procedimento de D. Maria comigo; pois, escondendo ella o seu nome e nascimento de todos procurou-me a mim com o proposito de se declarar. E assim o fez.

Logo que me avisaram de estarem ali duas damas, uma das quaes tinha era de doente, fui recebe-las ao parador, cuidando que era consulta de me-

Desastre e morte

Quando na quarta-feira passada, um passageiro que seguia no comboio mixto para Oliveira do Bairro, tentava abrir a porta do wagon e elle em andamento, foi cuspidó á linha tão desastrosamente que, enviado em acto continuo para o hospital d'esta cidade, falleceu passados minutos depois d'alli chegar.

Chamava-se Antonio Ferreira Christino, solteiro, de 35 annos de idade e tinha casa de negocio de calçado em Villa Chã, comarca de Ceia.

Vinha acompanhar um amigo a Fermentellos, devendo d'alli seguir para o Porto a negocios commerciaes.

Foram-lhe encontrados nos bolsos 278:490 réis em notas. Disse nos um irmão do morto que lhe faltam alguns objectos de roupa que trazia e bem assim uma corrente de ouro e um relógio de prata.

Carta branca

Nem á mão de Deus Padre quer o garotinho que lhe digamos que tem carta branca para insultar todo o mundo! Mas que remedio tem o garoto senão sujeitar-se a ella!
Quem d'uma fôrma sem vergonha e deslavadamente se confessa calumniador do sr. dr. Homem de Mello, conforme o attestaram em documento publico Jayme de Magalhães Lima e Joaquim de Mello Freitas, que diploma deve ter a não ser esse?

Mas descance o bandalho que os insultos de garótos nunca feriram pessoas de bem.
Isso nunca.

Fallecimentos

Ao sr. José Maria Ribeiro Balacó acaba de fallecer mais um filho dos muitos que tinha. Se a memoria nos não falla, crêmos que com este é o oitavo filho que lhe morre e todos no vigor da mocidade. O infeliz Alvaro, que acaba de fallecer agora, contava apenas 19 primveras. Para tão duros golpes, grandes resignações, é que aconsellhamos a tão dorido pae e aos filhos que lhe restam.

No Alboy falleceu o antigo negociante de aprestes para amanhos de barcos, Francisco da Costa Peixóta.

Tambem succumbiu em Ilhavo, repentinamente, Joaquim Fer-

dico. Conduzi as á sala, e ali D. Maria, com os olhos desfeitos em lagrimas, e muito embaciados, entrou a olhar-me, e a tremer, até que, expedindo um grande ai, se lançou nos meus braços, clamando: — tu sou a sua amiga da infancia, sou Maria Cabral, morgada de Carrazedo!

Neste ponto da narrativa, pararam os arreeiros á porta da estalagem de Thomar. Os cavalleiros apearam, subiram ao sobrado da estalagem e pediram almoço.

José de Barredo proseguiu, atando o fio com as palavras de D. Maria.

— Eu sou a sua amiga da infancia! — clamou ella — Sou Maria Cabral, morgada de Carrazedo! Faça idéa, e continue Barredo — faça idéa do meu assombro, senhor... senhor... pôde dizer-me a sua graça?... Um amigo do meu amigo da mocidade, não deve hesitar em querer a amizade que lhe offereço, e dizer-me o seu nome...

— Direi — balbuciou commovido o outro no mais correcto portuguez: — mas ha de ser com o coração bem perto do teu, José; abraça-me, e ou-

reira, o Vidinha, estucador, e ha muitos annos residente n'esta cidade.

Era tido como artista honrado, bom cavaqueador e socialista dos quatro costados.

A todos os doridos os nossos sentimentos.

Folhinha Portugueza

Ao sr. João Bernardo Ribeiro Junior, conceituado pharmaceutico d'esta cidade, agradecemos os quatro exemplares da «Folhinha Portugueza», do dr. Ayer, com que se dignou presentear-nos.

PUBLICAÇÕES

Prosas Barbaras, por Eça de Queiroz, com uma introdução por Jayme Batalha Reis.

Mal tivemos tempo ainda de folhear este livro, que deveinos á obsequiosidade dos editores, os nossos amigos e correligionarios srs. Lellos, proprietarios da importante livraria Chardron. Mas do pouco que lêmos ficou-nos a mesma impressão que as obras do grande escriptor nos incutiram.

Temos por Eça de Queiroz, como observador, como analysta, e como artista uma grande admiração. Os seus livros são joias de tal preço que nos envergonhamos de os encarecer.

Vamos lê-lo com maior attenção. Mas, pelo motivo já referido, só teremoos que agradecer a offerta aos editores.

São livros para admirar. E quando se criticam não é em meia duzia de linhas d'uma secção de publicações.

Semana Illustrada. — Recebemos o n.º 4 d'esta excellente publicação, cujo summario é o seguinte:

Typos de belleza, (illustrado); *Esperança*, por Lino de Macedo; *Engastes*, (poesia), por Raposo de Oliveira; *Alma infantil*, (illustrado), por Maria Luiza; *Sport feminino*, pelo Dr. ...; *As creanças*: Trechos da historia patria, por B. C.; *Theatros*, (illustrado), por M. Neves; *A Moda*, ultimas creações (illustrado), por D. Herminia de Souza; *Os dois vizinhos* (novella paginado e com illustrações); *Musica*. *Dança*, *raquette*, *polka* — *Actualidade*.

Assigna-se na rua Paschoal de Mello, 133 — LISBOA. Série de 15 numeros 350 réis.

CASA

VENDE-SE uma terra, com quintal e parreira, na rua da Fonte Nova. Tem o numero 16. Para tratar, até ao dia 30 do corrente, com Maria da Conceição, na mesma. Tambem se vende uma commoda em bom uso.

ve-me muito baixinho esta revelação feita á tua alma: Eu sou Francisco Luiz de Abreu.

José de Barredo abiu a bôca até onde lh'o permittiam as artienlações das mandibulas. A expressão d'aquelle seu grandissimo espanto foi um som ronco, semelhante a um brado de terror. Em seguida, rebentaram-lhe subitas as lagrimas, e então sómente ponde o velho atirar-se todo aos braços do amigo, e exclamar:

— O' Francisco!... se a inquisição te conhece!

— Tu sómente me conheces em Portugal — disse o doutor Abreu — E não temas por mim, que, se eu calir nas garras do santo officio, pouco mais se doerá do fogo d'elle este corpo empredrenido do que ha trinta e sete annos a minha estatua. Morto estou eu já, meu amigo. Que me faz a mim agonisar sobre as brazas da minha tristeza irremediavel, ou expirar mais depressa nas torturas da polé ou nas do garrote? Como quizerem...

José de Barredo quiz suspender a narrativa do locante á viuva de An-

OS DOIS GAIATOS

Qual dos dois terá mais vergonha; — E' o *Chica* proclamando em cartas que não mais quer camaradagem com o garoto, ou é o garoto calumniador do sr. dr. Homem de Mello, não quebrando as relações com o *amigo* embusteiro, continuando a viver na mesma *amizade* e na melhor harmonia, como se aquillo fosse para elle o mais honroso titulo nobiliarchico?

Dão-se alviçaras a quem decipher o *enigma*.

PREVENÇÃO

PARTICIPO a todos os meus estimaveis freguezes que não sendo exactas as contas que me tem prestado o meu antigo creado Manuel de Pinho das Neves, da cobrança que por muitas vezes fazia, a todos previno de que nada lhe deverão entregar de hoje em diante, sem carta por mim assignada.

Verdemilho, 2 de dezembro de 1903.

Antonio Gonçalves Bartholomeu.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	680
» encarnado.....	850
» manteiga.....	580
» amarello.....	640
» mistura.....	500
» caraça.....	820
» frade.....	560
Milho branco.....	560
» amarello.....	540
Trigo gallego.....	13060
» tremez.....	960
Aveia.....	500
Cavada.....	600
Centeio.....	600
Batatas, 15 kilos.....	330
Ovos, duzia.....	200

As *verdades* dos réles, a mentira e a infamia dos garotos, são a mesma coisa.

Se estes nos atiram pedras e lama, aquelles, mentindo como verdadeiros javardos e vadios, tentam tambem em vão abocanhar porcamente a sollaria das nossas botas. Mas, com isso bem podemos, e a todos esmagamos, quando d'elles, com nojo, nos queiramos occupar, o que não succederá tantas vezes como alguém deseja, por que bulir na esterqueiragem réles é deveras in-

tonio de Sá Monvão para ouvir a dos successos de Francisco Luiz. Não lh'o permittiu a anciedade do amigo. Conformou-se o confidente de D. Maria, e continuou, ordenando aos arreeiros que fossem adeante e os esperassem no Arneiro, onde haviam de jantar, cinco legoas adeante na estrada de Coimbra. Continuou o doutor Barredo:

— O alvorogo que me fez o apparecimento d'aquelle senhora alquebrada e de todo disfigurada, dizendo-me que era a formosa morgada de Carrazedo, só t'o posso comparar com aquelle que, ha pouco tu me causaste, Francisco. São dois lances da minha vida que já não pôdem repetir-se. Não tenho mais ninguém que esperar da minha mocidade. Era ella e tu; por que Antonio de Sá, esse não pôde mais voltar...

— Creio que seria o mais ditoso dos teus amigos... balbuciou Francisco Luiz.

— Oh! não!... pois tu desconheces a doçura d'estas nossas lagrimas? Dois velhos, que se amaram mo-

commodativo e quem se quer conservar limpo tem, fatalmente, de os pôr ao largo.

Muita vez o temos dito aqui. Ao largo e bem ao largo depois de os tosarmos valentemente como costumamos fazer aos garotos d'aquella especie.

E, se não emendarem os safardanas ignobeis, pediremos a um varredor municipal que os empurre pelo buraco d'uma latrina ou pela bôcca de lobo d'algum vasadouro publico. E' alli o seu verdadeiro logar, é alli onde estarão em perfeito contacto com o seu elemento.

Na lama, no lôdo e no excremento. Eis a trindade d'onde sahiram e a onde pertencem todos os *chicas* e todos os *cabecinhas* réles que nadam em maré de immundicie na papeleta do Largo do Espirito Santo.

Arrede-se o publico para o largo, arrede-se tambem o redactor d'este jornal que nós faremos outro tanto.

De largo, mas com o pampillo na mão para lhes enterrar no lazarento corpo a conter lhes as investidas de cães desaçamados e velhaços.

Canalhas e malandros d'aquelle calibre só merecem o desprezo e o desdem das pessoas honestas e honradas.

P.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de junco.

Notas alegres

N'uma reunião politica:
— Meus senhores, eu sou filho das pedras.

Um dos assistentes:
— Então é mexilhão!

O orador, continuando:
— Sou o diabo que o carregue!

— Senhor presidente, tenho dito.

Lembra o caso do outro que era filho da terra.

gos, e se encontram nos hombraes do outro mundo para se despedirem! Que é isto, senão o derradeiro calor da vida que ainda nos aquece os corações?... Demos graças ao nosso Deus, que é o mesmo Deus, ou elle se chame Jesus de Nazareth, ou Messias, ou simplesmente creador do céu e da terra. Suppliquemos lhe que nos deixe já agora acabar estes ultimos dias um á beira do outro... Tu vaes para minha casa, não é verdade, Francisco?

— Irei a tua casa, irei, José; mas... estou a receiar que te esqueças da nossa pobre senhora... — disse Abreu, sorrindo, e enchugando as lagrimas.

— Tens razão; mas deixa-me ser feliz um poucachinho... Temos tanto tempo em que fallar dos outros desgraçados...

— Oh! se tu podesses dizer-me que ella ainda vive...

(Continúa.)

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

CEM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA. Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarização d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commode e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcelsivel. E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como deliciosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 a 3.—Quo vadis? por Henry Sienkiewicz.—N.º 4.—Vida e aventuras de Lazarillo de Tormes, por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—Eulalia Pontois, por F. Soulié.—N.º 6.—A amoroira fatal, por E. Berthet.—N.º 7.—O Senhor Eas, por Salvatore Farina.—N.º 7 a e 7b.—O fogo, por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—Caricias d'uma noiva, Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9.—Palavra de soldado, por Jorge Elwall.—N.º 10.—A pelle do Leão, por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—A morte dos Denses, por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14.—A corda do carrasco, por Petosi.—N.º 15.—Idyllas á beira d'agua (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16.—Terras malditas, por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

«Povo de Aveiro»

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahê, obtura, colhe dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 68, 1.º Aveiro

BAGACOS ALIMENTARES
VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagacos para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA **«PFAFF»**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Pecam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa. Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

A NOVA PHASE

DO **SOCIALISMO**

POR **JOÃO DE MENEZES**
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR **ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO**

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na **CASA EDITORA LIVRARIA ALLAUD** Rua do Ouro.—242-1.º LISBOA

ARMAZENS

BEIRA-MAR

DE **MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)
Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharias, bijonterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviamentem commendas que não venham acompanhadas da respectiva importação.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79